

# O ANO EM QUE OS AMERICANOS APORTARAM EM TERRAS CAPIXABAS

Historiadora descreve a passagem de imigrantes dos Estados Unidos pela Província do Espírito Santo, em meados do século XIX, após a Guerra de Secessão que dividiu seu país

REPRODUÇÃO DO LIVRO VIAGEM DE D. PEDRO II AO ESPÍRITO SANTO, DE LEVY ROCHA



Panorama da vila de Linhares esboçado por D. Pedro II durante visita do imperador ao Estado, em fevereiro de 1860: região recebeu empreendedores dos EUA em 1867

**“Contigo, meu navio, eu irei sorratamente, Através do sal espumante**

**Nem ligo a que terra me carregas**

**Desde que não à minha novamente”**

**Cantiga atribuída a Childe Harold, por Julia Keyes**

**A**tualmente historiadores acusam mudança radical do tempo. Se antes voltávamos ao passado para superá-lo, agora o presentificamos, homenageando-o, preservando-o, e reciclamos suas influências. Com tal objetivo, apresento neste caderno **Pensar** a trajetória da pequena leva migratória dirigida para o Espírito Santo nos anos 60 do século XIX. Gunter, Keys e Johnson são so-

brementes dos norte-americanos desembarcados na capital da província em 28 de maio de 1867. A vinda desses imigrantes para o Brasil já era esperada havia algum tempo. Aureliano Tavares Bastos, famoso deputado liberal naquela época, sonhava com a chegada dos norte-americanos no país e a possibilidade de eles influenciarem positivamente a nação brasileira. Tavares Bastos, em 1867, publicava notas a respeito do extraordinário desenvolvimento dos Estados Unidos que superou sua antiga metrópole.

Para o Brasil alcançar posição parecida devia, na opinião do deputado, utilizar o instrumento da imigração como meio de promover a prosperidade do país. A vinda dos norte-americanos contribuiria para inculcar nova cultura cívica entre os brasileiros. Naquele mesmo período desenrolava-se a grande guerra da secessão que opôs norte-americanos do norte aos do sul.

Os primeiros representavam a união e os segundos a confederação. Estes úl-

timos saíram derrotados não apenas da guerra, mas em seu estilo de vida. O norte era liberal e abolicionista. O sul era agrário, conservador e escravista. Para muitos, a derrota representou a humilhação e a destruição de seu modo de obter o sustento da família.

Alguns responderam a esse choque com a fuga da antiga terra, almejando a posição de pioneiros novamente, onde recriariam a república dos confederados.

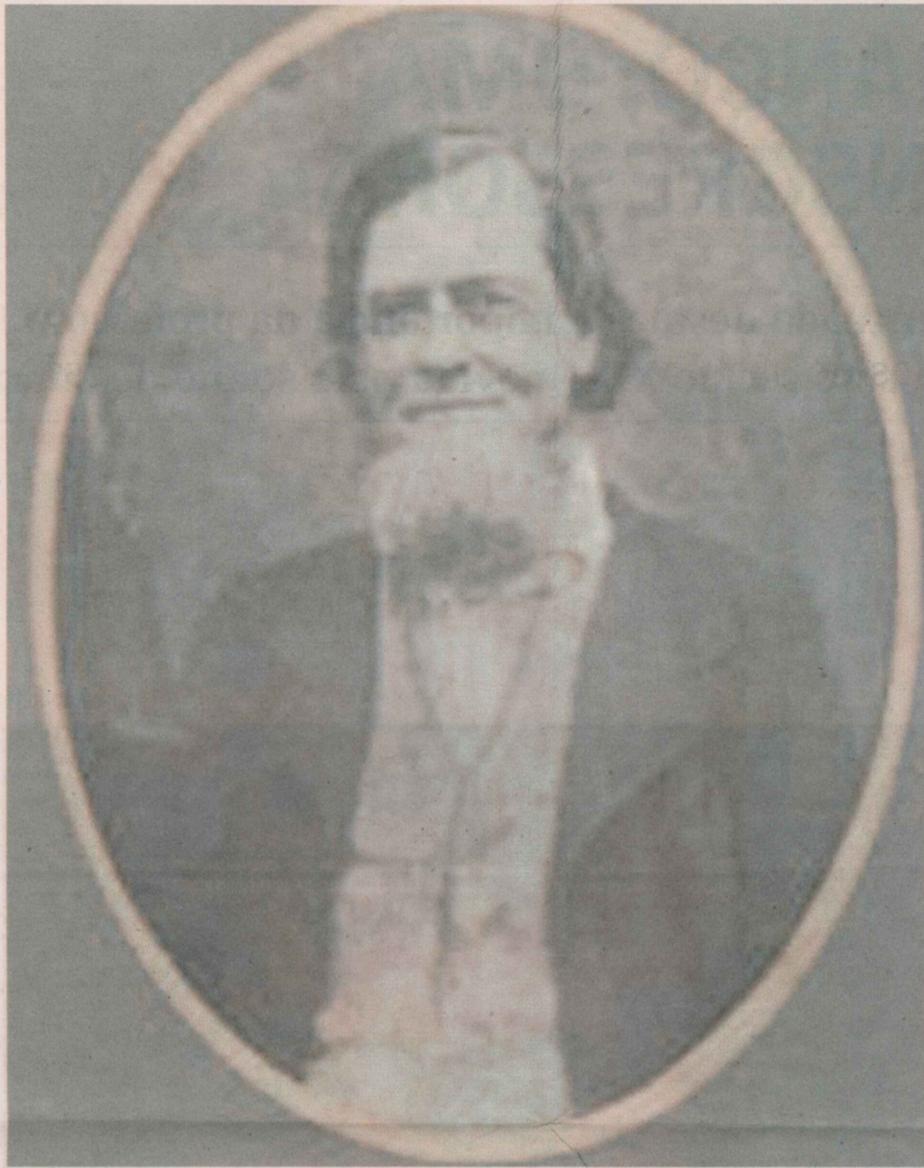
Tavares Bastos, que integrava a Sociedade Internacional de Imigração, diante da conjuntura de guerra nos Estados Unidos (1861-1865) realizou seu grande desejo de prospectar a vinda de norte-americanos para o Brasil. Não houve resistência por parte da elite brasileira, pois a propaganda seria realizada entre cidadãos do sul cuja cultura incluía a escravidão. Os representantes brasileiros desembarcados em Nova York prometiam título provisório de terras, prazo para o pagamento, isenção de tributos sobre os implementos e máquinas tra-

zidas com eles, hospedagem por conta do governo imperial e pagamento das passagens para o Brasil. Pretendia-se trazer milhares de norte-americanos, mas até 1867, somente cerca de 10 mil dessas pessoas desembarcaram nessa porção meridional da América. A maioria saía do Alabama, Carolina do Sul, Nova Orleans, Texas, Louisiana, Mississippi, Ohio, Virgínia, Flórida, Geórgia, Carolina do Norte, Kentuch e Tennessee. Dentre os lugares para onde se dirigiam constava a Província do Espírito Santo.

## Linhares

As notícias sobre as terras capixabas se anunciaram nos Estados Unidos por meio de relatório em que se divulgava a situação de Charles Gunter, estabelecido na região do Rio Doce, e do Reverendo Ballard S. Dunn. Gunter nascera no Alabama e fora membro da Câmara dos Deputados daquele Estado entre os anos de 1847 e 1850. Após a guerra de se-

por ADRIANA CAMPOS



O ex-deputado Charles Gunter providenciou a vinda de seus conterrâneos confederados para Linhares; abaixo, sua esposa, Elisa Adams Gunter

cessão, deixou a terra natal e escolheu Linhares como fortuna. Instalado, providenciou a vinda de seus conterrâneos confederados. Ao senhor Gunter, a província capixaba deu seis contos de réis para a construção de barracões em que se instalariam os imigrantes, próximos de Linhares e Regência.

Em 1867, por meio do diário de Júlia Louisa Keys, se tem notícia da partida do vapor Doubloon, na noite de 6 de abril de 1867, saído da capital dos confederados, Montgomery (Alabama). Levava em seus aposentos algumas famílias com o propósito de emigrar para o Brasil. Em Nova Orleans, juntaram-se a outras famílias de diversos Estados do sul e embarcaram no Marmion, de modestas instalações, que os conduziu até a América do Sul.

Na província espírito-santense, os governantes aguardavam ansiosos a chegada desses imigrantes empreendedores. Em junho de 1867, já se tinha notícia da chegada dos norte-americanos e providenciou-se carta ao Ministério solicitando diligência na viagem. Algumas famílias de imigrantes deixaram a hospedaria, que recebera até a visita do Imperador, com destino a Vitória.

## Renda artesanal

Saídos do Rio de Janeiro em 26 de maio de 1867 em dois vapores, O Diligente e o Juparanã, os colonos passaram pela capital da província do Espírito Santo, Vitória, em 28 de maio. A estada deu tempo somente para os imigrantes admirarem a renda artesanal manejada pelas mulheres e os lajões centenários que serviam de pavimento das ruas da capital. Para o rio Doce, seguiram cerca de mais de 20 famílias, desta vez embarcados no Juparanã. Após a realização do trajeto, os colonos chegaram à terra em pequenos botes e acamparam à margem do rio. Assim que se refizeram da viagem, seguiram a pé ou em canoas até Linhares. Foram recebidos com curiosidade pela população local. Alguns se instalaram em casas emprestadas em Linhares até que escolhessem os terrenos para a fixação definitiva.

Estranhavam não apenas o idioma tão distante do seu, mas também a culinária, os costumes e o clima. Adoravam este último, pois a amenidade da temperatura os enternecia e os marcava profunda-

mente, acostumados aos rigores do inverno. Logo foram convidados por Gunter para conhecer os terrenos que lhes reservara situados junto à lagoa Juparanã. A visão idílica os seduzira e deu-lhes a certeza de terem feito a correta opção.

A chegada dos norte-americanos, porém, trouxe conflitos para a região, com diversos posseiros reclamando as terras demarcadas para os imigrantes. Imediatamente, o governo providenciou a vinda de um engenheiro do Rio de Janeiro, de modo a impedir conflitos dessa natureza. Decidiu-se pela distribuição de terras junto à lagoa Juparanã e à foz do Rio Doce, com 12 quilômetros de cada lado. Para aumentar a pressão sobre o governo provincial, chegou carta da Agência de Imigração de Nova York reclamando detalhes da acomodação de seus compatriotas na nova terra. Com as providências adotadas, Franch Mae Mullaw, Guilherme Barver, Ephlis, Lencyr, Tevens Adulck, entre outros, conseguiram aprovação de compra de seus lotes.



Alguns imigrantes não seguiram para Linhares, tal como os colonos Lewis Yahowle, Dahama Drews e Milderburger, encaminhados para Santa Leopoldina. Decepcionados, retiraram-se do lugar, em outubro de 1868, não sem antes enumerar suas reclamações.

Acusavam o governo de sonegar mais da metade dos 900 réis mensais que seriam pagos por meio ano para fixarem residência até conseguirem prover seu próprio sustento. Esteavam a impossibilidade de realizar o comércio de seus produtos por ausência de estradas transitáveis e acesso ao porto de Lajeira.

Nos anos seguintes, outro imigrante, desta vez em Linhares, levava ao conhecimento das autoridades a violência da polícia local contra os imigrantes.

Samuel D. Watson, na data de 1871, reclamava da concentração de poderes de polícia e administração em uma só pessoa. Talvez a queixa tivesse se originado da violência sofrida por dois

colonos norte-americanos por parte de policiais, cuja denúncia seguiu sem a identificação das vítimas, possivelmente por medo de represálias.

## Sem êxito

A colonização, porém, não logrou êxito e não se viu prosperar a comunidade de norte-americanos na Província do Espírito Santo como uma colônia. Pela documentação levantada pela historiadora Carolina Firmino Frassi, as dificuldades para a escolha da região mais acertada às margens do Doce e a resistência dos posseiros do lugar levaram os norte-americanos a desistir de suas pretensões pioneiras. Constatam testemunhos de o governo provincial ter pouco laborado para o cumprimento das promessas realizadas aos imigrantes, acusação frequente também entre italianos e alemães vindos para o Espírito Santo.

Parece, no entanto, que a principal causa foi a terrível seca que atingiu a região de Linhares em 1868, agravada pelo surto de malária que dizimou inúmeros brasileiros, mas poupou os norte-americanos porque havia entre eles médicos com reserva de quinino disponível somente ao grupo. Mesmo assim, diante do quadro de tristezas que assolou o lugar, eles partiram em busca de novo destino, e muitos retornaram para a terra de origem, sem nunca esquecer o clima ameno, a água abundante e as cores vivas da terra que quase se tornara sua pátria.

Houve, porém, quem ficasse. O velho Gunter insistiu em permanecer em Linhares. A pesquisadora Adrienne Calmon informa que seu bisavô, Joaquim Francisco da Silva Calmon, vendeu a Fazenda Bom Jardim ao Gunter, naturalizado Carlos Guilherme Gunter. Ele fez grande fortuna com a agricultura e teve filhos.

Outro norte-americano, ainda informa Adrienne Calmon, fixou residência também por aqui. Trata-se de um ex-general confederado, o senhor John Marie Monsier. Também permaneceu August Theodor Adnet, que se casou com Raphaela Calmon, dando origem à ramificação Calmon Adnet. Enfim, a descendência desses norte-americanos radicados no Espírito Santo encontra-se espalhada entre Vitória e Linhares, cujo passado merece maiores incursões.